

A beleza do mundo como uma questão vital: A resistência estética contra dinâmicas de destruição¹²

Aida Bosch³

Resumo: Der Sinn für das Schöne und die ästhetische Erfahrung sind kein Luxus, sondern eine Notwendigkeit mit existentielltem Charakter. In dem vorliegenden Aufsatz geht es um eine Phänomenologie der ästhetischen Erfahrung und um ihre Rolle im Lebensprozess. Gerade in extremen Lebenslagen wie etwa Viktor Frankl sie im nationalsozialistischen KZ erlebt und in seinem Buch „Trotzdem Ja zum Leben sagen“ beschrieben hat, ist die Erfahrung des Schönen als Gegenhorizont von Bedeutung für das psychische Überleben. Sie bietet eine Art Widerstand gegen Zerstörung und Selbstzerstörung. Fragen der Ästhetik können dabei nicht unabhängig von politischen und ethischen Aspekten gedacht werden. Das Ringen um die Formgebung im Schaffensprozess und auch die nachvollziehende Erfahrung der ästhetisch stimmigen Form sind mit erlebter Sinngenerierung verbunden. Diese Erfahrungen steigern die Intensität des Lebens und vermitteln ein Gefühl des Lebendig-Seins in vollem Umfang, indem sie aus der Routine des Alltags herausführen und existentiellen Staunen und innere Erneuerung hervorrufen. Sie können uns erschüttern und Platz für neue Einsichten und Entwicklungen schaffen. Ästhetische Erfahrungen zeigen uns unsere Verstrickung und unsere Verwandtschaft mit der Welt, denn wir leben für die Liebe zur Welt, für ihre Schönheit, wie Hannah Arendt es ausdrückte. Das bedeutet Lebendig-Sein in vollem Umfang. Es geht um einen neuen, poetischen Materialismus und um die Frage, wie wir unsere innere Verwandtschaft mit der Welt wahrnehmen, erfahren und verteidigen.

Schlüsselwörter: Kunstsoziologie; Ästhetische Erfahrung; Ästhetische Widerstand.

Resumo: O sentido para o belo e a experiência estética não são um luxo, mas sim uma necessidade de caráter existencial. Este ensaio trata de uma fenomenologia da experiência estética e de seu papel no processo de vida. Especialmente nas situações extremas, como a vivida por Viktor Frankl no campo de concentração nazista e descritas em seu livro "Em busca de sentido", a experiência da beleza como um contra-horizonte é importante para a sobrevivência psicológica. Ela oferece um tipo de resistência contra destruição e autodestruição. As questões de estética não podem ser consideradas independentemente dos aspectos políticos e éticos. A disputa pela forma no processo criativo, assim como a experiência de uma forma estética coerente, está ligada à geração de significado. Essas experiências aumentam a intensidade da vida, transmitindo uma sensação de viver em plenitude, tirando-nos da rotina da vida cotidiana e evocando a maravilha existencial e a renovação interior. Elas podem nos sacudir e abrir espaço para novas percepções e desenvolvimentos. As experiências estéticas nos mostram nosso envolvimento e nosso parentesco com o mundo, porque vivemos por amor ao mundo, por sua beleza, como disse Hannah Arendt. Isso significa estar totalmente vivo. Trata-se de um novo materialismo poético e da questão de como percebemos, experimentamos e defendemos nosso parentesco interno com o mundo.

Palavras-chave: Sociologia da Arte; Experiência estética; Resistência estética.

¹ Este ensaio integra o volume de BOSCH & PFÜTZE (Orgs.) *Ästhetischer Widerstand gegen Zerstörung und Selbstzerstörung*, publicado em 2018 pela Springer Verlag.

² Tradução de Henrique Sagebin Bordini.

³ Doutora em Sociologia pela Friedrich-Alexander-Universität Erlangen/Nürnberg. Professora Associada do departamento de Sociologia da mesma instituição. aida.bosch@fau.de

O sentido [*Sinn*] para o belo não é um luxo, tampouco uma superestrutura da sociedade, mas sim uma questão basilar em si mesma. Para o indivíduo, ela pode ser uma questão de destino ou até mesmo uma questão de sobrevivência. Há objeções contra o emprego convencional e a tematização predominante da Estética nas ciências sociais contemporâneas: a Estética não é somente uma técnica de dominação, que serve apenas para distinção ou controle social, que possui unicamente uma carga econômica e de exploração para o consumo, como sugerem frequentemente os debates atuais. Isso pode estar correto; a questão sobre o belo, porém, está e permanece intimamente ligada às representações sociais e individuais de uma vida boa, e até mesmo às questões de uma vida justa. Será que a Ética e a Estética ainda podem voltar a dialogar uma com a outra, uma vez que essa relação, há muito ponderada pela filosofia, vem sendo sempre dissolvida em gestos provocativos na era moderna? Seria possível desvincular a questão da vida boa e justa de sua dimensão estética? Será que podemos imaginar uma vida boa sem uma sensação de beleza, sem alegria e humildade diante do belo? O sentido para o belo poderia ser até mesmo mais importante para o futuro coletivo do que se pensa.

As experiências estéticas estão associadas à geração imediata de sentido [*Sinngenerierung*], pois transmitem o sentimento supostamente simples de existir e afirmar essa existência. Geralmente, crises de sentido ou dúvidas existenciais não surgem em meio a uma experiência estética. Nós somos simples. Porém, aquilo que parece singelo não é, de jeito nenhum, algo incondicional na posição excêntrica ocupada pelo ser humano. E, na modernidade tardia, com os seus diversos loops reflexivos, a simples existência e a afirmação da vida são tudo menos uma coisa evidente. O ser humano é tanto um ser cultural quanto um ser natural e, segundo Helmuth Plessner, ter uma cultura é algo que pertence à natureza humana. Todavia, tanto a dimensão cultural quanto a dimensão natural da existência humana estão em constante tensão e, o mais tardar na modernidade tardia, elas não podem mais ser colocadas em harmonia, pelo contrário, formam uma contradição sem resolução. Por esse motivo, nós, as pessoas da modernidade tardia, estamos sempre em busca de experiências estéticas, de ressonância, de intensidade, de forma a sentirmos, mesmo que momentaneamente, essa existência que afirma a vida, para compreendermos pelo menos uma parte dela. As experiências estéticas não se apresentam, porém, de forma simples. Às vezes, é preciso lutar duramente por esses momentos. Eles aumentam a intensidade da vida e irradiam um sentimento de se estar vivendo em plenitude. Para Helmuth Plessner, o ser humano necessita da religião para encontrar um lugar seguro no mundo, um ponto de apoio, que não lhe é dado devido a sua posição excêntrica. Mas, na Modernidade, nem mesmo esse lugar utópico lhe é mais

possível; o inquestionável acesso à religião está obstruído. A arte herdou a religião como uma forma de droga substitutiva para o divino. Intensidade e estética, bem como o estilo de vida e atividade artísticos, se tornaram assim ideais condutores, estados e lugares de anseio [*Sehnsucht*] na modernidade industrial tardia, “pois uma forma de perda da vitalidade ameaça incessantemente o ser humano que se encontre confortável” e, por isso, nós buscamos “inevitavelmente por sensações fortes” e, sem pausa, “nos são prometidas intensidades” (GARCIA, 2017, p. 9).

Experiências estéticas escapam do dia a dia e acompanham experiências especiais e extraordinárias de religião, arte, viagens, sonhos e de deslumbramentos existenciais. Ocasionalmente, coisas ou acontecimentos imperceptíveis nos arrancam do “pântano da rotina em que nos afundamos sem nem mesmo o perceber” (GARCIA, 2017, p.11). O mesmo momento, a mesma experiência, a mesma percepção podem ser experimentos com maior ou menor intensidade; não é sozinho o conteúdo de uma percepção sensorial que vai determinar a sua intensidade. “Um momento que parece inofensivo, um gesto repetido milhares de vezes, uma feição familiar, tudo isso pode surgir e nos transmitir de repente a impressão epifânica de um choque elétrico” (id., p.13). Cada um de nós possui o seu próprio inventário subjetivo para medir a intensidade da vida e “somos racionais sob a condição de que primeiro possamos sentir de forma regular e mais ou menos controlada, uma intensidade que seja suficiente para nos causar o sentimento de nos sentirmos vivos” (id., p.13). Essas experiências incomuns podem nos impactar, e esses impactos por vezes nos libertam de rotinas e percepções frutíferas, porém habituais, criando assim espaço para novas considerações e desenvolvimentos. As experiências estéticas, entretanto, não ocorrem unicamente a partir das experiências religiosas, da arte, dos sonhos ou do êxtase, onde elas possuem um lugar privilegiado, mas também no próprio cotidiano. Cada objeto e cada sensação pode vir a ser o objeto de uma experiência estética, seja na contemplação de uma cadeira, de um determinado odor, do formato de uma folha, de uma bela sonoridade ou de um rosto interessante. De todo modo, isso está sempre associado à uma mudança no modo de percepção. Se, na vida cotidiana, percebemos muitas coisas no modo da rotina, no modo do ver-como-reconhecer, a experiência estética é fundamentalmente diversa: o que vale aqui não é aquilo que se conhece ou aquilo em que se confia, mas sim os aspectos desconhecidos e únicos de um objeto e da situação; não o típico, mas sim o individual de um momento, as sutis diferenças que criam e distinguem um momento ou objeto de outro momento ou objeto. Uma experiência estética está conectada à uma atenção especial e nítida para as qualidades únicas de um objeto ou de um momento, com uma concentração minuciosa e também uma apreciação das pequenas diferenças nas percepções sensoriais. A beleza jaz nos olhos

de quem observa, conforme a necessidade de ajuste de seu modo de percepção, abandonando as estruturas rotineiras que protegem a percepção, para se poder ver a beleza do que é único, o que também guarda e aceita o feio. É justamente o ferrão da feiura, do inesperado e do que ainda não foi visto que possibilita o despertar e chama a atenção dos espectadores mais saturados de arte e vida. Com um pouco de sorte e atitude, pode-se também perceber e apreciar os aspectos harmoniosos de um objeto, onde há uma tensão com a feiura, dentro de um contexto de *suspeita*.

O sentido para o Belo está intimamente ligado às emoções e aos afetos, com os processos vitais e com a dedicação para a vida. Está ligado à experiência de encontrar um ânimo e uma solução diante dos problemas e das situações difíceis, encontrando-lhes uma forma, uma proporção e uma coerência. A beleza protege contra a depressão, é preciso apenas reconhecê-la e permiti-la, dedicar-se a ela, submeter-se a ela - e defendê-la. Para William James, o conhecido representante do pragmatismo e um dos fundadores da psicologia moderna, o sentimento de vivacidade depende de quão intensamente uma pessoa é e se permite ser afetada por outras pessoas ou objetos concretos. Somos afetados por objetos que são estéticos e interessantes o suficiente para nos atrair. O *Self* das pessoas se estende, incluindo coisas que as afetam e que elas querem possuir. A energia psíquica está ligada aos objetos, e os objetos, sejam eles pessoas ou coisas, tornam-se aspectos do eu (JAMES, 1950, p.291). Essa entrega - a abertura dos limites do eu — está intimamente ligada a um risco, pois sempre se arrisca algo quando se se deixa afetar; e é por isso que, conforme William James, as pessoas mesquinhas tendem a arriscar pouco e com isso não se deixam afetar facilmente. Elas se refugiam em si e se afastam de tudo aquilo de que não podem se apoderar. O preço disso é uma depressão que sempre ameaça, pois a sensação de se estar vivo está perdida. As pessoas de coração mais aberto expandem as suas fronteiras do seu *Ego* de forma mais célere e se permitem afetar. A sua sensação de estar vivo é igualmente mais forte, ainda que ameaçada, pois a perda, a decadência e a decepção são sempre possíveis e provavelmente ocorrerão de caso em caso. Pela perspectiva do objeto, as coisas que mais afetam são aquelas com as quais se tem uma afinidade média; as coisas muito familiares já não afetam tanto, as coisas completamente desconhecidas causam estranheza e irritação. Pela perspectiva do sujeito, a postura é que é definidora: quem não arrisca, não vive corretamente, pois se está perdendo a própria vida e suas várias cores. Quem tudo arrisca vive mais intensamente, provavelmente, porém não por muito tempo. Entre a maioria das pessoas há uma preferência por experiências estéticas com um grau médio de familiaridade: experiências estéticas profundas são muito atraentes e aumentam a sensação de vivacidade, mas estão associadas a riscos subjetivos. Essas

reflexões de William James são ainda hoje tão atuais quanto há 130 anos atrás, quando as escreveu.

Para John Dewey, também representante do pragmatismo filosófico, o sentido para o belo é uma das características dos organismos e sujeitos que constroem as experiências e a podem aprender — um sentido que pode, naturalmente, ser desenvolvido de forma complexa e diversa. O processo de vida é aqui compreendido como um jogo de alternância entre harmonia e desarmonia, sensações agradáveis e desagradáveis, de uma vida fácil e adaptada, por um lado, e de adversidades ou conflitos, por outro. Na relação entre o organismo e seu ambiente, existem fases não problemáticas, mas a desarmonia, o conflito e a adversidade também ocorrem repetidas vezes. Através do aprendizado e da criatividade, ou por pura sorte, é possível encontrar uma resposta para a adversidade. Quando o problema é resolvido e um novo estágio de desenvolvimento, um novo equilíbrio é encontrado, a tensão é liberada e ocorre um momento de intensificação. Esse momento foi arrancado do processo da vida com suas ameaças e é caracterizado por uma vitalidade maior: "porém, é porque o mundo real - aquele no qual nós vivemos - é constituído por movimento e culminação, por ruptura e reunião, que um ser vivo torna-se apto experimentar a estética. Repetidamente, ele perde e encontra harmonia com seu ambiente. O momento em que um estado perturbado se transforma em um estado harmonioso é o momento mais intenso da vida" (Dewey 1988, p.25). Esses momentos de beleza, entretanto, não podem durar, e a tentativa de mantê-los altera sua qualidade de forma crítica: "Qualquer tentativa de estender o sentimento de alegria que acompanha o estado de realização e harmonia além de sua duração definida significa uma retirada do mundo e, portanto, a redução e a perda de energia vital. O que persiste em todos os momentos de confusão e conflito, entretanto, é o profundo senso interior de uma harmonia subjacente que se agarra à vida como a sensação de estar fundado em uma rocha" (Dewey 1988, p.26). As crises pertencem à vida, e as crises complicadas e profundas são uma parte natural de uma vida desafiadora; aceitando isso, podemos experimentar que, se superarmos a crise, a beleza se seguirá no momento da resolução. "Embora a luta e o conflito sejam dolorosos, eles podem ser vistos como positivos se forem vivenciados como um meio de desenvolver uma experiência; como pertencentes porque impulsionam a experiência - e não porque estão simplesmente lá. [...] Há, em toda experiência, um momento de aceitação passiva, de sofrimento no sentido mais amplo", que pode ser mais ou menos doloroso, e "que, porém, se conecta a qualquer experiência alegre, na verdade, que é parte dela" (Dewey 1988, p.53 e seguintes). No entanto, não é certo que toda crise seja seguida de uma solução e de um novo estágio de desenvolvimento; pelo contrário, toda crise traz consigo o perigo palpável do fracasso, o

que aumenta o risco da vida e da arte, mas também torna o momento estético da superação, de pular o obstáculo interior, particularmente valioso e intenso.

A luta pela forma estética pode, portanto, ser genuinamente compreendida como uma *forma de resistência contra a destruição e a autodestruição*: no trabalho pela forma estética, o artista luta para superar a crise, a ameaça inerente, encontrando uma solução que signifique um desenvolvimento em termos de conteúdo e forma. A criação artística de tipo sério pode, portanto, ser considerada uma resistência estética em si mesma, e essa resistência gera atrito e a luta por uma solução, por uma nova forma, por uma nova harmonia. Não apenas na criação de arte, mas também na experiência estética de cada homem e cada mulher, há um potencial de resistência: resistência contra uma percepção insensata e sem sentido que segue rotinas de percepção já gastas e bloqueia a verdadeira percepção, um olhar que enxerga [einem sehenden Sehen], pois projeta e reconhece o que já sabe em vez de realmente olhar e absorver exatamente o que vê. Na percepção estética, a própria percepção bloqueia a forma rápida, simples e conveniente e arrisca algo ao olhar, ouvir, cheirar, saborear e tocar intensamente. Ela se abre para o não-esperado, o outro e o estranho ao lado de elementos familiares, para aquilo que não se subordina à percepção, mas oferece resistência. Tal atitude não significa apenas treinar todos os sentidos, o que pode e deve durar a vida inteira; significa também respeito pelo desconhecido. Significa nem sempre querer categorizar esse outro imediatamente, uma aceitação e uma aceitação da estranheza, que é experimentada no modo de se espantar, como um tipo de desafio alienante.

Porém, contra o que exatamente se volta a resistência estética? A necessidade da resistência estética fica mais evidente quando ela se dirige contra a guerra e a violência, contra os sistemas totalitários, a barbárie e a destruição da civilização. *Essa resistência estética existencial é um tema importante deste livro, que é tratado principalmente nos primeiros capítulos.* A arte, o ser humano e a estética da prática da vida são desafiados ao limite nas condições de violência, de guerra e de injustiça. Alguns sobrevivem física e psicologicamente apenas por meio da arte ou de experimentar o belo, mesmo que se limite a alguns momentos existentes somente na imaginação. Viktor Frankl foi um dos primeiros a levantar a questão de quais coisas permitem que as pessoas sobrevivam em uma situação de extrema alienação e ameaça, ou seja, quando estão completamente expostas à dominação arbitrária e truculenta de um campo de concentração. No campo de concentração, ele e seus companheiros experimentaram um sofrimento intolerável e uma crueldade dificilmente suportável. Como reação a isso, Viktor Frankl observou um embrutecimento em muitos deles, uma adaptação à crueldade e à arbitrariedade dos vigias: "Na grande maioria dos prisioneiros comuns de um campo, a instintividade

primitiva, a necessidade de se concentrar na simples preservação da vida, constantemente questionada, resulta em uma desvalorização radical de tudo o que não serve a esse interesse exclusivo" (1997, p.57). Por esse motivo, uma espécie de "hibernação cultural" (Frankl, 1997, p.58) de apatia e indiferença em relação ao próprio sofrimento e ao sofrimento dos outros geralmente prevalece no campo de concentração, uma indiferença como autoproteção para não perecer de sofrimento. Mas, apesar dessa reação geralmente predominante, foi precisamente a fuga para dentro, os momentos preciosos de lembrança da beleza, do amor, arrancados das condições mortais, que salvaram o espírito. Essa é a única maneira de se compreender o paradoxo, escreve Frankl, de que são precisamente os sensíveis e mais delicadamente constituídos que sobrevivem à vida no campo, desde que sobrevivam fisicamente, melhor do que as naturezas mais robustas em sua vida anímica, porque são precisamente esses "que são livres para se retirar do ambiente terrível e entrar em um reino de liberdade espiritual e riqueza interior" (1997, p.61). Quando não resta mais nada para o homem, "na situação mais triste que se possa imaginar, colocado em uma situação em que não pode se realizar por meio de conquistas, em uma situação em que sua única conquista pode consistir em um sofrimento correto - em um sofrimento correto e justo, em tal situação o homem é capaz de se realizar na contemplação amorosa, na contemplação da imagem espiritual que carrega dentro de si da pessoa amada" (Frankl 1997, p.63). As pequenas "meditações nas trincheiras", que permitem a sobrevivência mental, concentram-se não apenas em belas lembranças, mas também em momentos surpreendentes de beleza natural: "Essa tendência à internalização, que é evidente em alguns prisioneiros, leva à experiência mais intensa da arte ou da natureza sempre que a oportunidade se apresenta. [...] Qualquer um que visse nossos rostos, radiantes de alegria, enquanto olhávamos pelas janelas gradeadas de um vagão de transporte de prisioneiros na viagem de trem de Auschwitz para um campo bávaro nas montanhas de Salzburgo, cujos picos estavam brilhando no pôr do sol, nunca teria acreditado que eram os rostos de pessoas que tinham praticamente acabado com suas vidas; no entanto, ou precisamente por causa disso? — eles ficaram extasiados com a visão da beleza natural que haviam perdido por anos" (Frankl 1997, p.66). Esses momentos estéticos eram vivenciados como momentos de liberdade interior, que podiam ser arrancados e contrapostos à arbitrariedade destrutiva e mortal do sistema do campo de concentração, a fim de não desistir de si mesmo e do que restava de sua própria integridade - porque essa rendição significava morte psicológica e, posteriormente, às vezes também morte real, como Viktor Frankl relata de forma impactante. A resistência estética aqui é a resistência da sobrevivência e, mesmo no extremo, o homem ainda possui

uma escolha - uma escolha na qual ele nem sempre pode sobreviver; mas se ele se apegar aos raros e preciosos momentos de beleza, isso pode se revelar um salvador de vidas.

A experiência estética está intimamente ligada às emoções e, apesar de toda a desconstrução da harmonia e da estética clássica, está ainda ligada à questão de uma vida boa e justa. Assim, a experiência estética não contraria a compreensão, mas a estimula através da inspiração. Naturalmente, a beleza também pode seduzir ou enganar, e é por isso que o ceticismo em relação à superfície pura e muito lisa é certamente justificado. Mas, por outro lado, o conhecimento verdadeiro e profundo na filosofia, nas ciências naturais e também nas ciências sociais e humanas não pode existir sem inspiração, sem um senso de beleza e simplicidade. O psicanalista suíço, Luc Ciompi, leva essa reflexão direto ao ponto com o seu conceito de lógica do afeito ao descrever a beleza como um harmonioso equilíbrio entre sentimento e pensamento, ou mais precisamente: "entre a energia emocional e sua canalização cognitiva bem-sucedida". De qualquer forma, ao vivenciar a beleza, há sempre a sensação maravilhosamente relaxante e prazerosa de cair em uma coerência - seja ao ver uma paisagem, um rosto, um quadro, ao ouvir música, mas também ao compreender subitamente uma bela ideia ou atitude" (Ciompi 2011, p.219). De forma parecida a de John Dewey, Ciompi formula também formula isso em seu conceito de lógica do afeto: a experiência da beleza se faz sempre afortunadamente quando algo que não queria dar certo por muito tempo e criava sempre uma tensão consegue encontrar uma solução e uma percepção que são coerentes.

A vitalidade possui um momento assertivo, erótico, que se volta não apenas aos parceiros potenciais, mas também vai muito mais além, indo à beleza do mundo, para tudo o que promove e fortalece qualquer processo de vida; e uma faceta destrutiva, devoradora, aniquiladora - e conhecemos ambas desde, pelo menos, o conceito de Libido de Freud. O erótico pode ser pensado como uma força que faz com que os seres busquem uma compensação entre o indivíduo e o todo e que nessa busca "falhem, percam-no e também o alcancem temporariamente" (WEBER, 2014, p.18). Nós precisamos pensar o Belo como uma relação com o mundo e, como Hannah Arendt nos legou, quando respondeu à pergunta acerca de como fazer a vida valer a pena diante da experiência histórica do nazismo: pela beleza do mundo. A experiência da beleza está conectada a uma relação vital e afirmativa com o mundo, não apenas com o mundo social, mas com o próprio mundo, no amor como uma "prática da vitalidade. O erótico é o princípio genuíno da vida que permeia o mundo dos corpos e dos seres vivos" (WEBER 2014, p. 18). Experimentar a beleza significa sentir-se plenamente vivo. O poder do erótico, concebido como uma relação viva com o mundo como um todo e não apenas como um impulso para se reproduzir, enche a biosfera de vida e dá a seus membros a resistência para buscar a

realização, a satisfação e a alegria com novo dinamismo todos os dias, como Andreas Weber escreve em seu livro sobre a vivacidade como uma ecologia erótica, no qual ele delinea um novo materialismo poético. A experiência da estética estabelece e promove a relação do indivíduo vivo com o mundo, "é a experiência de sucesso de sistemas animados nos quais [...] é uma questão de harmonizar a liberdade do indivíduo com a do todo" (Weber 2014, p. 23). A experiência das coerências pode e deve incluir, aceitar, transformar, cancelar ou até mesmo deixar para trás o incongruente, o perturbador, o irritante - de fato, é particularmente nesse ponto que a experiência estética, o sujeito da experiência, é desafiado e contestado. Em última análise, isso resulta em uma questão de destino e sobrevivência para a humanidade.

A definição do Humano e a questão de isso se realizar são decididas pelo emprego da liberdade no mundo cultural da posição excêntrica do ser humano: pela sua liberdade de decidir entre o amor pelo mundo e um senso de beleza, por um lado, e as possibilidades muito prováveis de destruição e aniquilação, pelo outro.

"O senso inato de beleza do ser humano seria, assim, uma espécie de bússola que aponta à moderação e à equalização da tensão, o que - não muito diferente da capacidade de crueldade e destrutividade excessivas no polo emocional oposto - corresponderia a um aspecto significativo da relativa liberdade humana: porque, se como devemos supor, a sobrevivência a longo prazo da espécie humana depender de atitudes sociais e civilizacionais construtivas e se ela prevalecer sobre as tendências destrutivas e a intemperança, então um significado profundo do experimento evolucionário humano seria revelado e constituído em seu sucesso ou fracasso. E não apenas a atividade de Goethe, mas também a criação da beleza poderia, assim, ser um primeiro destino do ser humano" (Ciampi 2011, p. 219).

O desejo estético de intensidade que caracteriza tão fortemente nossa modernidade tardia abrange ambas as possibilidades: o sentido e a busca da beleza como coerência e equilíbrio na relação do indivíduo com o todo; por outro lado, o impulso estético também pode conter o impulso de explodir as relações da realidade cotidiana e permitir que a destrutividade niilista prevaleça em atos de autocapacitação; o entusiasmo e a mobilização para as duas guerras mundiais no século XX, para as quais grandes e inovadores artistas também se deixaram inspirar em nome de uma tabula rasa criativa, mostraram isso muito claramente. Caso a experiência estética seja concebida e condizente como totalmente livre de ética, então ela visa à pura "intensificação" sem "salvação e sabedoria" (Garcia 2017, p.26). Uma intensificação que mobiliza as energias coletivas e que pode se transformar no oposto da vivacidade, na destruição, a qualquer momento? Como a destruição é a forma mais intensa de transgressão de acordo com sua lógica interna, ela tem um enorme potencial de sedução, especialmente para o esteta perspicaz

— e é por isso que ele não pode se dar ao luxo de existir em um espaço livre de ética, mas deve encontrar uma relação com ele. A relação tensa entre ética e estética não é, portanto, de modo algum obsoleta, mas ainda nos apresenta, como sociólogos e estetas, as questões políticas não resolvidas e candentes do presente.

Se Luc Ciompi tiver razão com o seu conceito de lógica dos afetos, então o sentido para o Belo não é de jeito nenhum um luxo para um crítico ou amante a arte, tampouco será uma superestrutura da cultura, que adoça o cotidiano e oculta as durezas políticas e econômicas; pelo contrário, ele será um intermediador que abrange as questões fundamentais da existência. O sentido para o belo é então, ele próprio, uma questão decisiva para a existência, uma questão de relação com o mundo. A frase de Hannah Arendt coloca a beleza do mundo como o sentido da vida. Essa frase foi dita diante da experiência do Holocausto, que no século 20 aniquilou as esperanças da humanidade em ter um inabalável futuro, mais promissor e racional. Apesar de todas as disfunções, as durezas e as crises, apesar da progressiva destruição na vida humana e na responsabilidade humana, vale a pena se apegar à experiência da beleza e arriscar alguma coisa por ela. É uma questão de estar vivo e de se realizar no mundo. Esse sentido para o belo é um fundamento antropológico; inerente à nossa vitalidade, aos nossos sentidos e às nossas sensações. É a pergunta e a expressão de como nós tocamos o mundo e como nos deixamos tocar, de como percebemos, experimentamos e defendemos a nossa relação com o mundo.

Referências

CIOMPI, L., und E. Endert. **Gefühle machen Geschichte. Die Wirkung kollektiver Emotionen – von Hitler bis Obama.** Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2011.

DEWEY, J. **Kunst als Erfahrung.** Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1988.

FRANKL, V. „...trotzdem Ja zum Leben sagen.“ **Ein Psychologe erlebt das Konzentrationslager.** München: Kösel, 2009.

GARCIA, T. **Das intensive Leben.** Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2017.

JAMES, W. **The Principles of Psychology.** Volume I. New York: Henry Holt and Company, 1950.

WEBER, A. **Lebendigkeit. Eine erotische Ökologie.** München: Kösel, 2014.